

Funchal – Seis séculos de paisagem humana entre duas ribeiras

Paulo Pernetá

“Chegados ao fermoso valle, viram que de lizos e alegres seixos era coberto, sem haver outro género de arvoredos senão muito funcho, que o cobria até o mar por bom espaço: e saíam deste deleitoso valle ao mar tres grandes e frescas ribeiras”

Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, Livro II

O primitivo burgo do Funchal desde a sua fundação conformou-se à paisagem que se apresentou aos primeiros colonos, os quais se fixaram inicialmente sobretudo em torno das Ribeira das Casas e de Santa Maria, hoje Santa Luzia e João Gomes. Este estudo pretende lançar um olhar entre o institucional e o intimista, embora fugaz e intermitente, dada a escassez de documentação, ao longo dos seis séculos que moldaram a paisagem física e humana da pequena nesga de terra entre essas duas ribeiras, junto ao calhau do Funchal. Aqui instituiu-se em finais do século XV a primeira casa da alfândega do Funchal, palco privilegiado da azáfama mercantil do burgo açucareiro e, no mesmo espaço, na segunda década do século seguinte, um pequeno quarteirão urbano foreiro ao Cabido da Sé do Funchal, que durante cerca de 350 anos albergou uma vibrante comunidade cidadina de artesãos e mercadores, cristãos-novos e clérigos da Sé, fidalgos e gente do povo. Pela análise da documentação do Cabido observamos a evolução física e humana deste pequeno quarteirão e, correlacionando-a com outras fontes documentais, constatamos os dramas pessoais, alegrias e aflições dos seus habitantes, como a chegada dos representantes do Santo Ofício, interrogando-os e fazendo prisões, ou as periódicas aluviões e transbordar das ribeiras, entrando-lhes pelas casas e arruinando ou arrastando ao mar as suas posses e habitações. O espaço, confrontado a norte com a Rua dos Mercadores, assume desde o início notória vocação comercial, sendo nos séculos XVI e primeira metade do XVII sobretudo ocupado pela comunidade cristã-nova do Funchal com interesses e actividades mercantis e, posteriormente, por mercadores e comerciantes nacionais e estrangeiros. A estratégica posição militar, entre as fozes de dois cursos de água, é reconhecida no Regimento de Fortificação de D. Sebastião de 1572, determinando o levantamento a jusante de um forte e muralhas defensivas, edificado por Mateus Fernandes como parte do sistema de fortificações e defesas da cidade do Funchal, espaço actualmente sob intervenção arqueológica. A colocação do pelourinho da cidade na praça a montante, o qual ainda hoje empresta o nome a este lugar, completa as linhas mestras que durante séculos definiram e caracterizaram este espaço. O início do século XX trouxe o fim da vocação urbana e militar do quarteirão, sendo os edifícios e forte demolidos para a implantação da Fábrica de São Filipe, tendo o espaço assumido uma nova identidade industrial e de serviços. Destruída por incêndio em 1978, as instalações da antiga unidade fabril foram demolidas em 1989, dando lugar em 1992 a um parque de estacionamento subterrâneo, sobre o qual se abriu uma praça pedonal, vocacionada para o lazer. O espaço está hoje sob

intervenção, sendo alvo de um projecto que, se levado a cabo, trará a alteração mais radical dos seus seis séculos de história, a junção das fozes das duas ribeiras, com a consequente amputação de uma parte significativa do seu território. Seis séculos de vivências e vocações muito diversas, por vezes irreconciliáveis, definindo e moldando uma paisagem física e humana sempre em mutação, na qual os únicos elementos permanentes foram sempre as duas ribeiras encontradas pelos primeiros povoadores. E, hoje, mesmo essa paisagem pode estar em vias de se alterar.

Palavras-chave: Funchal; urbanismo; população; Largo do Pelourinho.